A painting depicting a scene from the story of Penelope. In the foreground, a woman with dark hair, wearing a vibrant red dress, is seated. She holds a dagger to her lips with her right hand, while her left hand rests on her chest. In the background, a man in a blue shirt and brown vest is seen from the side, holding a large bouquet of pink flowers. The setting appears to be an interior room with dark wood paneling and a window in the background. The overall mood is dramatic and somber.

O VÉU DE PENÉLOPE

Versão de Andrew Lang

A longa espera de Penélope pelo retorno do marido da Guerra de Tróia talvez seja o conto supremo da fidelidade. A paciência, a criatividade, a constância e o amor da rainha de Ítaca fazem dela uma das personagens memoráveis da mitologia grega. A história é tirada da Odisséia de Homero e Odisseu é tratado por seu nome latino, Ulisses.

De todos os heróis que lutaram contra Tróia, o mais sábio e astuto era Ulisses, rei de Ítaca. Contudo, ele foi para a guerra contrariado. Desejava ficar em casa, junto à esposa Penélope e ao filho Telêmaco. Mas a princesa da Grécia solicitou sua ajuda e ele acabou consentido. A esposa lhe disse:

— Vá, Ulisses, que eu mantere
a casa e o reino em segurança até
seu retorno.

O pai idoso, Laerte, também
falou:

— Cumpra com seu dever,
Ulisses, e que a sábia Atena
antecipe seu regresso.

E assim, despedindo-se de Ítaca
e de tudo que mais estimava,
partiu com seus navios para a
Guerra de Tróia.

Dez longos anos se passaram e enfim chegaram notícias de que o desgastante cerco a Tróia terminara, a cidade jazia em cinzas e os reis gregos estavam regressando para seus domínios. Um a um, os heróis foram voltando para casa; mas não chegavam notícias de Ulisses e seus companheiros.

Todos os dias, Penélope, o jovem Telêmaco e o envelhecido Laerte postavam-se no cais, esforçando-se para enxergar além das ondas. Mas não havia sinal onde se vislumbrasse a ponta de uma vela no ar ou o brilho de remos na água. Os meses se passaram, e logo os anos, e nenhum sinal de Ulisses.

— Seus navios naufragaram e ele jaz no fundo do mar — lamentou o velho Laerte, não mais tornando ao cais e permanecendo, daí por diante, recluso em seus pequenos aposentos.

Mas Penélope mantinha as esperanças, sempre:

— Não está morto. E até ele voltar, resguardarei seu belo reino.

Todos os dias, reservavam-lhe o lugar na mesa. Seu manto era colocado junto à poltrona, seus aposentos eram conservados sempre limpos e seu grande arco que pendia do teto do grande salão era polido frequentemente.

E assim se passaram mais dez anos de vigília ininterrupta. Telêmaco já era um rapaz alto e bem educado. E em toda a Grécia, só se falava da grande nobreza e beleza de Penélope.

— Mas que besteira! — diziam os príncipes e fidalgos gregos — ficar na espera eterna de Ulisses! Todos sabem que ele está morto. Ela deveria se casar com um de nós.

Então, um a um, os fidalgos e príncipes da Grécia que estavam à procura de uma esposa partiram para Ítaca, na esperança de conquistar o amor de Penélope. Eram todos sujeitos arrogantes e insolentes, deleitados com a própria importância e riqueza. Iam direto para o palácio, sem serem convidados, pois sabiam que seriam tratados como hóspedes honrados, fossem bem-vindos ou não.

E resolveram dizer-lhe o seguinte:

— Ora, Penélope! Todos sabemos que Ulisses está morto. Estamos aqui como pretendentes à sua mão; não recuse nossas propostas. Escolha um de nós e os outros irão embora.

Mas Penélope respondeu, entristecida:

— Príncipes e heróis, não pode ser assim. Tenho certeza de que Ulisses está vivo e devo preservar o reino até que ele regresse.

— Retornar, isso ele não vai fazer! Escolha logo, Penélope.

Mas ela implorou:

— Permitam-me esperar mais um mês. Tenho em meu tear um véu de linho ainda inacabado. Vou usá-lo como mortalha para nosso velho pai, Laerte, que está muito idoso e já não sobreviverá muito tempo. Se Ulisses não chegar até que esteja pronto, escolherei alguém, embora contra minha vontade.

Os pretendentes concordaram e instalaram-se confortavelmente. Aproveitaram o melhor que puderam. Perdulários, banquetearam-se lautamente no suntuoso salão de refeições e beberam todos os vinhos da adega real. Foram hóspedes grosseirões e espalhafatosos, ocupando os outrora tranquilos aposentos do palácio, um insulto ao povo de Ítaca.

Todos os dias, Penélope sentava-se ao tear e adiantava a confecção do véu.

— Olhem só como aumentou!
— dizia ela ao entardecer.

Mas durante a noite, quando todos os pretendentes estavam dormindo, ela desfazia o trançado dos fios tecidos durante o dia. E assim, embora se mantivesse constantemente ocupada, nunca concluía o trabalho.

Entretanto, as semanas foram passando e os pretendentes começaram a se irritar com a demora. E, impacientemente, perguntaram:

— Quando estará terminado esse véu?

E Penélope respondeu:

— Tenho me dedicado a ele diariamente, mas o progresso é muito lento. Um trabalho delicado assim não pode ser concluído às pressas.

Mas um dos pretendentes, de nome Agelau, não se deu por satisfeito. Naquela noite, esgueirou-se silenciosamente pelo palácio e foi espiar a sala do tear. E viu Penélope ocupadíssima em desbaratar as tramas do tecido à luz de uma lamparina e sussurrando baixinho o nome de Ulisses.

Na manhã seguinte, o segredo foi espalhado para todos os hóspedes indesejáveis, que disseram à rainha:

— Ora, essa! Vossa Majestade tem agido com muita astúcia, mas nós descobrimos seu segredo. O véu deverá ser concluído antes do próximo nascer do sol e amanhã a escolha será feita. Não esperaremos mais.

No dia seguinte, ao entardecer, os indesejáveis hóspedes se reuniram no grande salão. O banquete foi servido, com muita comida, bebida, cantoria e festa. Fizeram tanto estardalhaço que o madeirame do palácio chegou a estremecer.

Quando a balbúrdia atingiu o apogeu, Telêmaco adentrou o salão, acompanhado de Eumeu, o criado mais antigo e fiel de Ulisses. Juntos, eles começaram a retirar os escudos e espadas que estavam pendurados nas paredes e balançavam com todo aquele alvoroço.

— O que estão fazendo com essas armas? — perguntaram os pretendentes, quando finalmente perceberam a presença do rapaz e do velho. E este lhes respondeu:

— Estão se estragando com a poeira e a fumaça; estará melhor na sala do tesouro.

E Telêmaco acrescentou:

— Mas deixaremos o velho arco de meu pai pendurado no teto do salão. Minha mãe o mantém limpo e polido diariamente, e sentiria muita falta se o retirássemos também.

— Ela não vai ter muito tempo mais para cuidar dele — riram-se os pretendentes. — Antes do fim do dia, Ítaca terá um novo rei.

Naquele momento, um mendigo desconhecido entrou nos jardins do palácio. Tinha os pés descalços, a cabeça desprotegida e as roupas esfarrapadas. Aproximou-se da porta da cozinha, onde encontrava-se deitado perto do fogo um velho galgo, Argos. Vinte anos antes, era o preferido de Ulisses, e seu cão de caça mais fiel. Mas agora, tendo perdido os dentes e estando quase cego, era apenas vítima dos maus tratos dos pretendentes de Penélope.

Ao perceber o mendigo atravessando os jardins vagarosamente, o cão levantou a cabeça para ver melhor, e logo despertou em seus velhos olhos uma vivacidade estranha. Abanou a cauda brandamente e tentou reunir as forças que ainda lhe restavam para se erguer. Olhou com carinho para o mendigo e soltou o longo uivo de alegria com que, em sua juventude, costumava saudar o dono.

O mendigo se abaixou e acariciou o animal.

— Argos, meu velho amigo!
— sussurrou-lhe o mendigo.

O cão fez um último esforço para pôr-se de pé e caiu; morto, mas com a alegria estampada nos olhos.

Instantes depois, o mendigo se postava na entrada do grande salão, onde pôde ser visto ao dirigir algumas palavras a Telêmaco e ao fiel Eumeu.

— O que quer aqui, Seu Velho Esfarrapado? — perguntaram-lhe os pretendentes, jogando-lhe pedaços de pão contra a cabeça — Saia daqui. Vá embora.

Naquele momento, porém, Penélope descia as escadas, imponente e bela, cercada de criados e aias.

— A rainha! A rainha! — gritaram os pretendentes — Ela veio escolher um de nós.

— Telêmaco, meu filho — disse ela —, quem é esse pobre homem que nossos hóspedes tratam com tanta indelicadeza?

— Minha mãe, trata-se de um mendigo errantes que as ondas do mar lançaram em nossas praias na noite de ontem. Diz que tem notícias de meu pai.

— Então, é preciso que me conte o que tem a dizer. Mas, antes disso, deve descansar um pouco.

Diante disso, o mendigo foi conduzido a um assento na outra extremidade do salão e a rainha mandou que lhe propiciassem alimentos e cuidados.

Uma velha criada, que fora ama-seca de Ulisses quando ele era criança, trouxe uma bacia com água e algumas toalhas. Ajoelhou-se diante do estranho e começou a lavar-lhe os pés. De repente, afastou-se assustada, entornando a bacia em seu alvoroço.

— Ó, senhor! A cicatriz! — murmurou baixinho.

— Minha querida ama — sussurrou-lhe o mendigo — foi sábia a sua discrição. Reconheceu-me pela antiga cicatriz que trago no joelho desde a infância. Guarde bem o segredo, pois estou ganhando tempo, e a hora da vingança não tarda.

Pois o mendigo esfarrapado era mesmo Ulisses, o rei. Só, dentro de um pequeno barco, naquela exata manhã, ele fora jogado contra as praias de sua própria ilha. Identificou-se apenas para Telêmaco e o velho Eumeu, e por ordens suas eles retiraram as armas das paredes do salão.

Enquanto isso, os pretendentes tornaram a se reunir em torno da mesa de banquetes e promoveram uma balbúrdia ainda maior do que a anterior. Gritaram para a rainha:

— Venha, adorável Penélope! Esse mendigo pode contar sua história amanhã. É hora de escolher seu novo marido. Decida logo.

— Fidalgos e príncipes — disse ela com a voz trêmula —, deixemos essa decisão nas mãos dos deuses. Vejam, lá está o arco de Ulisses, que só ele era capaz de vergar. Tentem demonstrar sua força ao vergá-lo e eu escolherei aquele que demonstrar maior habilidade no arremesso da flecha.

— Muito bem! — gritaram os pretendentes, já formando a fila para o teste. O primeiro pegou o arco nas mãos e tentou vergá-lo durante um bom tempo. Acabou perdendo a paciência, jogou o arco no chão e foi-se embora dizendo: — Só um gigante seria capaz de vergar um arco assim.

Em seguida, os outros pretendentes empreenderam suas tentativas, um por vez, mas todas foram em vão.

— Talvez o velho mendigo queira entrar no concurso — disse um deles em tom de escárnio.

Ulisses, vestido em seus andrajos, levantou-se e, com andar hesitante, cruzou o salão. Pegou o arco e pôs-se a examiná-lo, a observar o material bem polido, suas formas bem torneadas e as extremidades rígidas como o ferro. E depois disse:

— Tenho a impressão que, em minha juventude, já vi um arco assim.

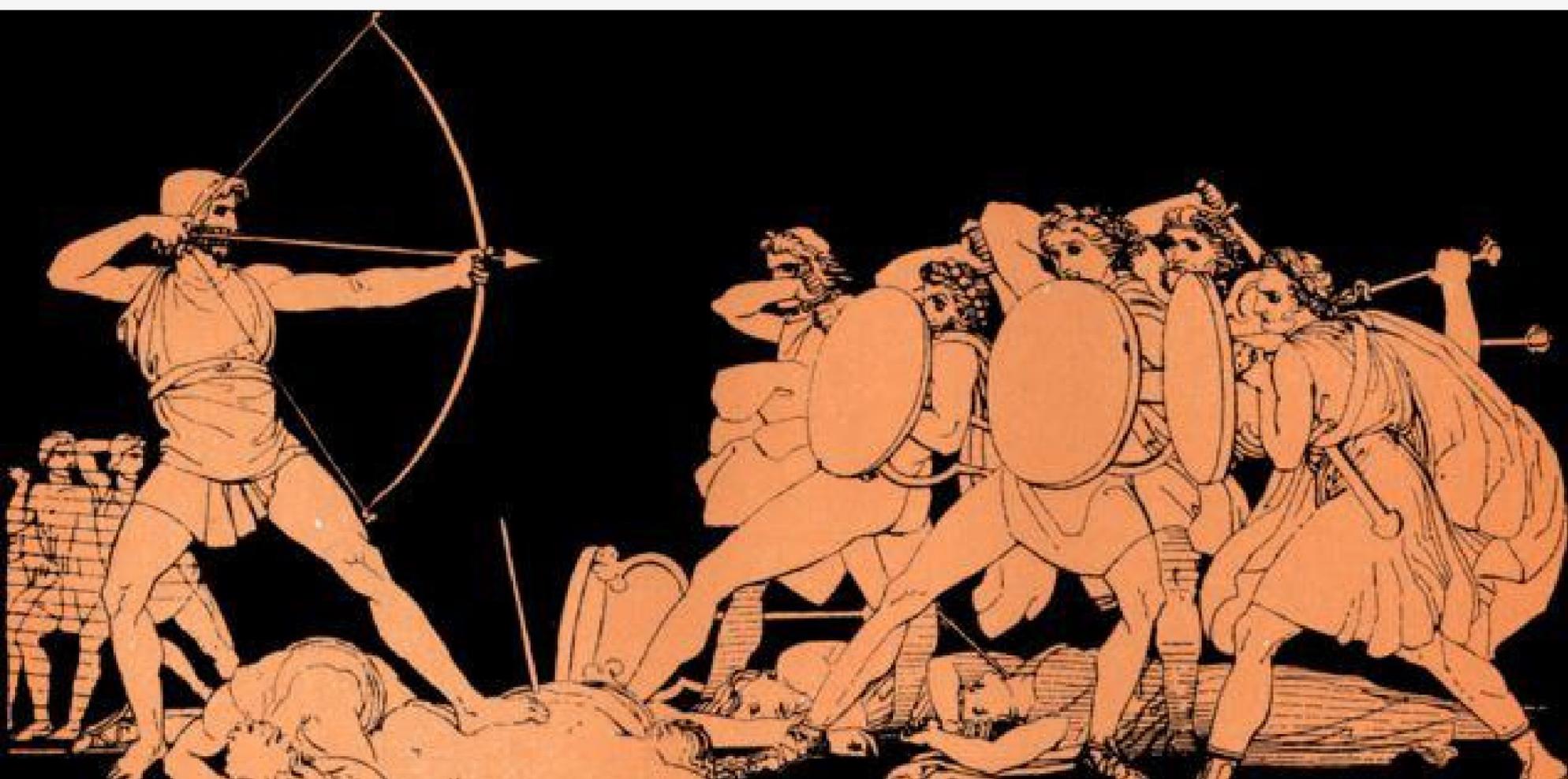
— Já chega! — gritaram os pretendentes. — Já chega! Vá embora, seu idiota.

De repente, operou-se enorme transformação. Quase sem fazer esforço, o mendigo vergou o arco e arremessou a flecha. Nesse momento, assumiu sua postura correta, demonstrando que, mesmo vestido de trapos, era um rei da cabeça aos pés.

— Ulisses! Ulisses! — gritou Penélope.

Os pretendentes emudeceram. Entraram imediatamente em pânico tresloucado e tentaram fugir do salão. Mas as flechas de Ulisses foram rápidas e certeiras; nenhuma delas errou o alvo.

— Vingo-me assim daqueles que tentaram destruir meu lar — bradou ele. E os desregrados pretendentes foram sucumbindo, um a um.



No dia seguinte, Ulisses se reuniu no grande salão com Penélope, Telêmaco e todos do castelo, e contou-lhes a história de suas aventuras pelo mar. E Penélope, por sua vez, relatou todos os esforços empreendidos com toda a lealdade para manter o reino, conforme lhe prometera, embora atormentada pelos insolentes e perversos pretendentes. Em seguida, trouxe de seus aposentos um rolo de pano branco e macio, muito delicado e de imensa beleza, e disse:

— É esse o véu, Ulisses. Prometi que no dia em que estivesse concluído, eu escolheria um marido; e escolho você.

O trecho que você acabou de ler é uma adaptação de um capítulo do poema épico ODISSEIA, escrito por Homero. O texto foi escrito originalmente em versos, e é uma epopeia que narra todos os obstáculos pelos quais Ulisses passou antes de conseguir retornar à sua casa, em Ítaca.

Ulisses foi um dos grandes heróis da guerra de Tróia. A guerra durou 10 anos e Ulisses ainda demoraria mais dez anos para conseguir chegar em casa. Ao todo, portanto, a espera de Penélope durou 20 anos.

